



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE E CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOCENTE: LÍVIA DE AGUIAR VALENTIM

Ana Camille Viana Falcão Brito
Raquel Castro Carvalho
Rayane Pires da Silva

PLANEJAMENTO - PROEX:
CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA ATENDIMENTO INCLUSIVO AO
PÚBLICO LGBTQIAPN+

SANTARÉM- Pará
2024

CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA ATENDIMENTO INCLUSIVO AO PÚBLICO LGBTQIAPN+

DATA E HORÁRIO: 26/11 DAS 14 às 18h

PÚBLICO-ALVO: Enfermeiros e técnicos de Enfermagem, da APS do município de Santarém.

LOCAL: UEPA, sala 09

OBJETIVO GERAL:

Fortalecer competências técnicas, comunicacionais e éticas dos profissionais de saúde para oferecer um atendimento inclusivo, humanizado e respeitoso às pessoas LGBTQIAPN+. A capacitação integra conceitos fundamentais, práticas de saúde, direitos, abordagem comunicacional e vivências reais da comunidade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

14:00 – 14:15 | Acolhida, Apresentação e Alinhamento Inicial

Descrição:

- Recepção dos profissionais
- Apresentação da equipe facilitadora
- Breve contextualização: por que falar de cuidado inclusivo? Que impactos isso tem na saúde e no acesso ao SUS?

14:15 – 14:35 | Dinâmica: “Jogo do Privilégio” – Versão Saúde LGBTQIAPN+

Objetivo:

Mostrar como desigualdades e preconceitos afetam o acesso e a experiência real do usuário no serviço de saúde.

Como funciona:

- Uma linha no chão.
Cada participante recebe um cartão com um personagem (ex.: “mulher lésbica”, “homem cis hétero”, “pessoa trans negra”, “jovem gay expulso de casa”).
- Facilitador lê situações, por exemplo:
 - “Se seu gênero sempre foi respeitado em consultas, dê um passo à frente.”
 - “Se você já ouviu comentários ofensivos na UBS por ser LGBTQIAPN+, dê um passo atrás.”
 - “Se você consegue usar seu nome social sem conflitos, dê um passo à frente.”

Fechamento guiado:

- Importância do atendimento inclusivo.

- Papel dos profissionais de saúde na redução de danos, proteção de direitos e acolhimento.

Metodologia:

- Fitas no chão, cartões de situações, música ambiente suave.

14:35 – 14:50 | Aplicação do Pré-Questionário

Descrição:

- Avaliação inicial das percepções, compreensões e segurança dos profissionais sobre o tema.

Metodologia:

Formulário impresso

14:50 – 15:00 | Conceitos, Terminologias e Nome Social (Cartilha – Capítulos 2 e 3)

Conteúdos abordados (explicados de forma prática):

- **Orientação sexual:** por quem a pessoa sente atração (ex.: gay, lésbica, bissexual).
Identidade de gênero: como a pessoa se reconhece (ex.: homem trans, mulher trans, não-binária).
- **Expressão de gênero:** jeito de se vestir e agir — não define identidade.
- **Nome social:** obrigatório no SUS; deve ser usado em **absolutamente todos** os momentos do cuidado.

Exemplo prático para profissionais:

- **ERRADO:** “Qual é seu nome de verdade?”
- **CERTO:** “Qual nome e pronome você gostaria que eu usasse no atendimento?”

15:00 – 15:15 | Comunicação Respeitosa e Linguagem Inclusiva (Cartilha – Capítulo 4)

O que abordar:

- Como fazer perguntas sem constrangir
- Como adaptar formulários e fichas
- Como evitar erros comuns no atendimento

Exemplos práticos para o cotidiano da UBS:

- **Triagem:**
“Como posso te chamar? E qual pronome você usa?”
- **Coleta de histórico:**
“Você tem parceiros, parceiras ou parcerias? Como posso entender melhor sua vida

sexual para te orientar com segurança?”

- **Prevenção de constrangimento:**

Evitar perguntar sobre corpo ou cirurgias quando não está relacionado ao cuidado.

“Atendimento sem Tropeços”

Exemplos:

1. **Fala problemática:**

“Mas você é homem ou mulher?”

Versão correta:

“Como você se identifica? Quero te atender da melhor forma.”

2. **Fala problemática:**

“Nossa... eu não sabia que isso era possível.”

Versão correta:

“Obrigada por compartilhar. Vamos ver juntos o melhor caminho de cuidado.”

15:15 – 15:30 | INTERVALO

15:30 – 15:40 | Acolhimento Humanizado e Boas Práticas (Capítulo 5)

O que será ensinado de forma prática:

Passo a passo no atendimento:

1. **Chamar pelo nome social sempre.**
2. **Garantir privacidade:** nada de perguntas na sala de espera.
3. **Evitar surpresa ou julgamento.**
4. **Perguntas abertas, não invasivas.**
5. **Encaminhamentos seguros (especialmente para saúde mental e IST).**
Simulações de Casos Clínicos (bem detalhadas):

15:40 – 16:00 | Direitos, Políticas Públicas, Ética e Responsabilidades (Capítulo 6)

Conteúdos explicados de forma objetiva:

- Uso obrigatório do nome social
- Direito ao sigilo e privacidade
- Garantia de atendimento sem discriminação
- Condutas antiéticas e implicações legais (assédio, humilhação, violação de dados)

16:00 – 16:20 | Vulnerabilidades em Saúde e Manejo Clínico (Capítulo 7)

Conteúdo abordados de forma objetiva:

- Saúde mental
- Estratégias para um atendimento inclusivo
- IST/HIV/AIDS - Prevenção, diagnóstico e tratamento
- Barreiras de acesso aos serviços de saúde

Metodologia: Slide

16:20 - 17:00 /

DINÂMICA: “E Agora, Profissional?”

Objetivo:

Refletir sobre como agir de forma ética, respeitosa e inclusiva no atendimento à população LGBTQIAPN+ a partir de situações reais.

Como funciona:

1. Você lê cada caso para o grupo.
2. Após cada história, o grupo responde às três perguntas simples.
3. As respostas servem para discutir condutas corretas e mudanças necessárias no serviço.

Perguntas (iguais para todos os casos):

1. O que o profissional deveria fazer nessa situação?
2. Como acolher essa pessoa de forma respeitosa?
3. O que podemos mudar no serviço para isso não acontecer de novo?

CASO 1 – A Exposição na UBS

A manhã estava movimentada na UBS quando Adrian, um homem trans, chegou para atendimento. Ele informou o nome social de forma tranquila e a recepção registrou corretamente. Mas, ao chegar na triagem, a técnica de enfermagem se recusou a usar o nome registrado, afirmando em voz baixa que chamaria apenas “o nome do documento”. Adrian ouviu. Seu corpo enrijeceu.

No corredor, outro profissional fazia piadas sobre a aparência de pacientes trans, e a recepção — tentando ser “rápida” — acabou chamando o nome morto de Adrian em voz alta, expondo sua identidade para todos. Ele ficou paralisado, com vergonha, sem saber se deveria continuar ali.

O que o profissional deveria fazer?

- Intervir imediatamente, corrigindo a conduta da equipe com firmeza e respeito.
- Usar sempre o nome social, reafirmando-o para o usuário.
- Pedir desculpas pelo erro e se responsabilizar por repará-lo.
- Garantir que não haja nova exposição durante o atendimento.

Como acolher essa pessoa de forma respeitosa?

- Chamar pelo nome social e ajustar o registro em todos os setores.
- Conversar com Adrian em local reservado, validar seu desconforto e garantir que ele não será exposto novamente.
- Mostrar disponibilidade para acompanhá-lo durante o atendimento, caso ele queira.

O que mudar no serviço para evitar isso no futuro?

- Treinamento obrigatório sobre nome social e direitos da população LGBTQIAPN+.
- Protocolos claros para registro e uso do nome social em todos os setores.
- Intervenção padronizada para casos de discriminação interna.
- Criação de fluxos de denúncia e responsabilização.

CASO 2 – O Cuidado Hormonal e o Peso do Julgamento

Lia, uma mulher trans, chegou à consulta visivelmente ansiosa. Ela vinha pensando há semanas em pedir ajuda para acompanhamento hormonal, pois fazia tudo sozinha e queria segurança. Mas, ao explicar o motivo da visita, o profissional questionou se ela “tinha certeza” e sugeriu que ela poderia “se arrepender”.

A expressão de Lia mudou imediatamente, como se tivesse perdido a confiança no ambiente. A dúvida dela não era sobre hormônios — era sobre ser tratada com respeito.

O que o profissional deveria fazer?

- Reconhecer que o cuidado hormonal é parte da atenção integral à saúde.
- Explicar possibilidades de acompanhamento, exames, riscos e cuidados de forma técnica, sem julgamento.
- Encaminhar para serviço especializado quando necessário.

Como acolher essa pessoa de forma respeitosa?

- Validar sua decisão e reconhecer sua autonomia.
- Garantir sigilo, escuta e orientação clara.
- Mostrar que o serviço está ali para apoiar, não para opinar sobre sua identidade.

O que mudar no serviço para evitar isso no futuro?

- Capacitar a equipe sobre cuidados hormonais e transição.
- Padronizar fluxos de atendimento com encaminhamentos adequados.
- Reforçar que decisões sobre corpo e identidade pertencem ao usuário, não ao profissional.

CASO 3 – Testagem sem Mitos

Bia e Carol, um casal de mulheres, chegaram à UBS de mãos dadas. Tinham planejado juntas ir à testagem rápida, mas estavam nervosas — era a primeira vez.

Quando pediram o teste, ouviram da profissional que “mulher com mulher não pega nada”. A fala cortou a confiança das duas. Carol soltou a mão de Bia e ambas ficaram visivelmente constrangidas, como se tivessem pedido algo desnecessário.

O que o profissional deveria fazer?

- Explicar que qualquer pessoa sexualmente ativa deve ter acesso à testagem.
- Orientar sobre vias de transmissão e prevenção combinada.
- Garantir que o casal realize os testes sem julgamento.

Como acolher essa pessoa de forma respeitosa?

- Agradecer pela iniciativa de cuidado e reforçar que buscar testagem é um ato de responsabilidade.
- Utilizar linguagem neutra e inclusiva ao falar sobre práticas sexuais.
- Criar um ambiente privado e seguro.

O que mudar no serviço para evitar isso no futuro?

- Treinamento sobre ISTs em populações LGBTQIAPN+ e práticas sexuais diversas.
- Eliminar mitos e estigmas em protocolos internos.
- Garantir comunicação padronizada e acolhedora nas salas de testagem.

CASO 4 – Violência e Cuidado Sem Julgamento

Rafael chegou ao atendimento cabisbaixo. Ele tinha marcas no rosto e os olhos inchados. Após alguns segundos tentando encontrar coragem, relatou que havia sofrido uma agressão.

O profissional perguntou onde ele estava e sugeriu que talvez “não deveria ter ido a certos lugares”.

Rafael se fechou imediatamente. A sensação de culpa, que não deveria existir, tomou conta. Ele quase levantou da cadeira para ir embora.

O que o profissional deveria fazer?

-
- Garantir acolhimento imediato e escuta ativa.
- Providenciar atendimento clínico, registro adequado e encaminhamento para rede de proteção.
- Enfatizar que a culpa nunca é da vítima.

Como acolher essa pessoa de forma respeitosa?

- Validar o que aconteceu com empatia: “Sinto muito que você tenha passado por isso.”
- Oferecer privacidade, segurança e orientações claras sobre direitos.
- Evitar qualquer pergunta que pareça acusatória.

O que mudar no serviço para evitar isso no futuro?

- Protocolos claros de atendimento a vítimas LGBTQIAPN+ de violência.
- Capacitação sobre violência LGBTQIfóbica e abordagem sem revitimização.
- Parcerias com rede de apoio psicossocial.

17:00 – 17:30 | Roda de Conversa com Representantes da Comunidade LGBTQIAPN+

Descrição:

Espaço aberto para ouvir vivências, percepções, dificuldades e sugestões da própria comunidade.

Possíveis perguntas:

“O que faz vocês se sentirem seguros numa UBS?”

“Quais práticas vocês gostariam que todos os profissionais soubessem?”

17:30 – 18:00 | Aplicação do Pós-Questionário e Encerramento

Descrição: Avaliação final

- Impressões sobre a capacitação
- Destaques trazidos pelos participantes

Agradecimentos

Profissionais mais preparados, conscientes, sensíveis e seguros para garantir um atendimento inclusivo, acolhedor e ético, transformando a experiência da população LGBTQIAPN+ no serviço de saúde e fortalecendo o SUS como espaço de cuidado para todos